

sete variações de improviso sobre o mote:

“Cardar nuvem e fazer tecido de vento: a poesia é dar de comer ao imaterial”

seven improvised variations on the motto:

“Card cloud and make cloth of wind: poetry is feeding the immaterial”

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2022v4on84p19-24>

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Como um diálogo com Bené Fonteles, Alik Wunder, Alda Romaguera e João Arruda

*O número que vem depois do infinito é o 1.
Melito – Helena, de Isócrates
em: Paidéia – a formação do homem grego,
página 192*

a primeira

Como vem quem ninguém espera aquele dia.
Como a criança que aprende a falar antes da hora.
Como o bêbado que enquanto cai canta às estrelas
e com deus conversa quando dorme.
Como a palavra “já” num livro de alquimia.
Como o que desenha na areia a onda que se acaba.
Como a flor que apressa no inverno a primavera.
Como a visita que aparece antes da festa.

Como o bordado entre as mãos da tecelã.
Como a gota d’água pingando sobre a pia.
Como a resposta que responde sem pergunta.

sete variações de improviso sobre o mote: “Cardar nuvem e fazer tecido de vento...”

Como a palavra “sim” da moça que se casa
e o silêncio da irmã que espera ainda.
Como em Goiás o voo de uma arara.
Como o pintor que pinta e apaga a tela.
Como um anteontem com cara de amanhã.
Como a menina que sonha quando acorda.
Como antes da nuvem escura a clara chuva.
Como quem não esquece e da janela espia.

Como quem acha na rua a joia rara.
Como que já houve e revive, e se revela,
a poesia é o que desperta quem não dorme
e é a peregrina que chegou e ainda caminha
e o homem sábio que cala o que ele inventa.

Como frente ao quadro-negro a professora
relembra quando aprendeu o “a-bê-cê”.
Como retece o bordado a bordadeira
e contempla o que bordou e apaga a vela
a poesia carda a nuvem e borda o vento
e mata a fome do que é aura e é alma.

Ela chega sem falar, e no silêncio se trama
Como quem chega se cala e escuta o som
do que foi silêncio e agora é a fala
que ela tinge e tece como quem ensaia
o bordado do eterno de um momento.

Fora do tempo, a poesia é sempre agora
como a folha branca em que eu embaixo assino
o que imagino ser meu este poema
que ela escreveu e calou, e abriu a porta.
E, peregrina, em silêncio foi embora.

a segunda

Diáfana como um véu a folha cai
Eugenio Montale

Na Galícia a palavra “bruma” é dita “brêtema”.
E serena essa palavra me visita agora,
como um sussurro, como um sim, ou como um sopro
ela chega quando, menos do que brisa e o dia
vem a aragem de maio ao homem que ara o campo
e mal abre os lábios para entoar um canto
enquanto sulca a terra a lentos passos
e espera pela noite, mesa posta e a vela acesa
sem saber que semeou trigo e poesia.

Serena a palavra vem, como o “amem”,
quando é com os dedos da mão que diz a prece
o velho monge que as frases da oração esquece.
Como a palavra “amor” que a mãe não diz
enquanto pela casa ensaia o amor em cada gesto.
Serena como no fim da prece, vestida de preto
a mulher murmura “amem”, que um deus escute.
Serena, como leve como um véu a folha cai”.

Como o sono da criança e o “om” da Índia
a palavra chega ontem na porta do poema,
como quem vem de viagem, e não de longe
mas de um lugar fundo, um mar, um poço,
lá onde sob as águas fundas da memória
adormecem os fonemas e as palavras
à espera que alguém sussurre e diga:
“eu vim de lá, e cheguei: sou poesia”

sete variações de improviso sobre o mote: “Cardar nuvem e fazer tecido de vento...”

a terceira

Serena ela me vem, e amiga
murmura rimas: “pena”, “amena”
E o ser de segredo me convida
a apenas ser, sem mais, sereno
como agora é cinza o que foi fogo.
Como é agora brisa o que foi vento

a quarta

Velho, mas ainda sem bengala,
caminheiro entre trilhas e montanhas
não sou como Drummond, mineiro.
Não luto com a tribo das palavras
nem busco decifrar o seu segredo.
O seu rumor me basta, e em seu silêncio
acendo um brando fogo na lareira.
Abro a porta da casa de quem era
e espero o pôr-do-sol, a quietude
de quando já e a noite e é o dia ainda.
A hora “entre”, o voo da avezinha
que voa e volta ao ninho onde se aninha.

Como um pastor acolho o meu rebanho
de letras, fonemas, sons e esquecimento
e entre palavras imagino que adormeço.
A palavra serena, a que diz “flor”, ou “fada”
é de um jardim onde semeio e me floresço
como quem carda nuvem e tece o vento
e reparte o pão com o cego que na porta
canta palavras como “alma” e “aurora”
e cala e se vai. E é madrugada agora.

a quinta

A poesia não se escreve.
Ela se traceja no que borda.
Tecedeira, peregrina e viajante
que vem de onde não importa
e chega e entra em tua casa adentro
sem limpar no tapete os pés da lama,
sem dizer o nome, ou um “bom-dia”
e sem bater duas vezes na tua porta.
Bebe o teu vinho, toma a tua sopa.
Rabisca a mão na parede o teu poema
toma o bastão, põe o chapéu e vai embora.

Relógio sem ponteiros, sem minutos,
além do tempo a poesia é sempre um já
é o que resta de tudo o que se esquece,
e é um só sopro, e é um sempre agora.

Fiandeira da entre-trama das palavras
com a cor do som a poesia se colore
e na tela em branco do pano do poeta
ela se fia, se borda e se entretece.

a sexta

Queres a poesia? Ouve o silêncio!
Aprende a ver o passar do vento.
Fora do tempo a poesia é sempre agora.
Fiandeira grega que durante a noite
desfaz a trama que teceu de dia.

sete variações de improviso sobre o mote: “Cardar nuvem e fazer tecido de vento...”

a sétima

Lavar sem arado e sem semente.
Sentir sem o corpo do sentente.
Bordar sem o pano e sem a linha.
Espreitar na janela quem não chega.
Conversar com alguém quando sozinha.
Silenciar quem é, por um momento.
Escutar o som do voo da avezinha
e ouvir o cantar da voz do vento
na palavra sonora do silêncio
que dá um corpo ao ser da alma
e quando fala faz parar o tempo.

A poesia é o dizer antes da fala.
A poesia é sempre o outro lado.
O poeta é quem cria quando cala
e o poema é o lado avesso do bordado.

Outono de 2021